SBPT Especial: saúde respiratória da mulher

Cigarro: do glamour dos anos 20 à vaidade dos anos 2000

Na década de 1920, após o mercado de vendas de cigarro ter atingido um esgotamento de homens usuários, a indústria do tabaco precisava alçar novos consumidores. Por que não convencer as mulheres de que podiam fumar também? Foi assim que as ações publicitárias e promocionais de Edward Bernays levaram as mulheres a consumir o cigarro da marca *Lucky Strike*, com a campanha que coroaria a tão sonhada emancipação feminina e o slogan "*reach for lucky instead a sweet*".

Assim, o cigarro, que até então poderia ser imoral para as mulheres, passou a ser um símbolo de liberdade e desafio ao domínio masculino. As divas do cinema apareciam nas telas fumando, as peças de jornais e publicidade passaram a veicular belas mulheres com trajes elegantes e com cigarros na mão, usando luvas e piteiras icônicas. A indústria do tabaco estava conquistando o imaginário feminino e atingindo o objetivo de ter poder e controle sobre a vaidade feminina, alavancando mais um grupo de consumo de cigarros e levando os lucros às alturas.

Em nome de uma necessidade de dobrar lucros com o cigarro, a indústria conseguiu uma exitosa campanha, transformando uma diferença de gênero do homem fumante poderoso e da mulher fumante como moral em primórdios do feminismo, mas sem novas vantagens para a mulher em outras áreas. E com o passar das décadas, foi observada não só uma mudança na vida social patriarcal, mas o progressivo aparecimento de doenças graves nas mulheres, como câncer de pulmão e infarto agudo do miocárdio. Sendo elas, ainda mais suscetíveis a dependência nicotínica do que os homens, muitas vezes adoecendo mais intensamente do que os homens, como no caso da Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), mesmo com uma carga tabágica menor.

Além de ter ficado mais doente, a mulher tem maior dificuldade de abandonar o tabagismo do que o homem. As mulheres não só herdaram um hábito mau cheiroso e deselegante dos homens, como também adquiriram as doenças que antes atingiam apenas os homens, muitas vezes sendo vítimas fatais.

Com o passar da década de 90, o cigarro passou também a ser utilizado como fonte de emagrecimento nas mulheres jovens, que não conseguiam enxergar os riscos futuros de adoecimento por estarem mais uma vez encantadas pela vaidade e beleza do corpo. Mais uma vez, com um ganho ínfimo da perda de peso, em troca do aparecimento de rugas precoces e profundas, cabelos sem viço, dentes escurecidos e halitose e osteoporose pela inibição dos efeitos do estrógeno trazida pelo tabagismo.

Após os anos 2000, surge, então, o cigarro eletrônico, a promessa de não provocar dependência, de não ter fumaça, por isso, não ter cheiro ruim, de ser uma forma de cessar o tabagismo. "Se não tem fumaça, não faz mal". Como uma geração de mulheres que chegou a tal emancipação feminina poderia cair nessa armadilha, mais uma vez, da indústria do tabaco? Será que o cigarro eletrônico não envelhece? Será que os Dispositivos Eletrônicos de Fumar (DEFs) não provocam doenças?

Progressivamente, as substâncias contidas nos chamados DEFs foram sendo conhecidas e, mesmo em menor número que o cigarro de papel, não são menos danosas a saúde, não são

menos cancerígenas. E uma nova doença, não existente antes dos DEFs, a EVALI (*E-cigarette or Vaping Associated Lung Injury)*, surge em jovens usuários, devastando famílias. Esses dispositivos contêm vitamina oleosa, que pode formar cristais no pulmão, levando à inflamação grave. Além disso, os DEFs podem ter nicotina em menor dose, mas em quantidade suficiente para manter a dependência, formaldeídos cancerígenos, metais, como níquel, ferro e alumínio e, em alguns, o THC (derivado da cannabis). A vaidade feminina, mais uma vez, está sendo abalada com lesões de contato na face e nas mãos, queimaduras, líquen piloso na língua e úlceras orais.

De 1920 a 2022, continuamos na afirmação de que "não existe nenhuma forma segura de fumar ou, que seja, vaporizar". A mulher, tão forte em vários aspectos, continua sendo frágil à exposição a qualquer dispositivo de fumar para prejudicar sua aparência e desenvolver doenças precocemente e mais graves.

Dra. Maria Enedina Scuarcialupi, pneumologista da Comissão de Tabagismo da SBPT.

João Pessoa (PB), 22/02/2022.